ISSN 2237-258X

O PENSAMENTO INTELECTUAL DE ESTEVÃO DE MENDONÇA NO *QUADRO CHOROGRAPHICO DE MATTO-GROSSO* (1906)

The intellectual thought of Estevão de Mendonça in the "*Quadro Chorographico de Matto-Grosso"* (1906)

El pensamiento intelectual de Estevão de Mendonça en *Quadro Chorographico de Matto-Grosso* (1906)

Aparecido Borges da Silva[•]

Nicanor Palhares Sá[••]

Resumo

Os intelectuais mato-grossenses, entre o final do século XIX e início do XX, perguntavam-se se Mato Grosso seria capaz de civilizar-se; se a exploração das riquezas naturais do território o elevaria à condição de um paraíso moderno no interior do Brasil. Enquanto as obras de viajantes estrangeiros e de intelectuais e dirigentes brasileiros apresentavam o Estado como uma terra distante, de difícil acesso, de esparsa população violenta e incivilizada, os intelectuais locais buscavam elaborar uma imagem positiva sobre a região e seus habitantes. Nesta tarefa destacou-se Estevão de Mendonça, o pioneiro na construção de uma imagem positiva do território e da gente mato-grossense, que contrariasse aquelas produzidas no litoral do país e que pudesse ser apropriada em sala de aula. Este artigo objetivou destacar a importância de seu livro didático, o *Quadro Chorographico de Matto-Grosso* (1906), e suas contribuições para a história da educação no estado, por se tratar do primeiro compêndio de corografia da região. O livro didático de Estevão de Mendonça permite perceber a emergência de um pensamento intelectual marcado por uma sensibilidade social que traduz, em meio a tantas maledicências sobre Mato Grosso, marcado por uma escrita primorosa, os interesses e anseios das elites mato-grossenses.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação. Livro Didático. Mato Grosso. Estevão de Mendonça.

Abstract

The intellectuals from Mato Grosso, between the late 19th and early 20th centuries, wondered if Mato Grosso would be able to civilize; If the exploration of the natural riches of the territory would elevate to the status of a modern paradise in the interior of Brazil. While the works of foreign travellers and the intellectuals and Brazilian leaders presented the state as a faraway land, with difficult access, violent, uncivilized and sparse population, the local intellectuals sought to develop a positive image about the region and its inhabitants. In this task, Estevão de Mendonça distinguished himself, the pioneer in building a positive image of the territory and the people from Mato Grosso, which opposed those images produced on the coast of the country and which could be appropriate in the classroom. This article aimed to focus the importance of Estevão de Mendonça's textbook, the called "*Quadro Chorographico de Matto-Grosso* (1906), and his contributions to the history of education in the state, because it is the first compendium of descriptions of the region. Estevão de Mendonça's textbook

[•] Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professor da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Email: cidoborges@gmail.com.

[••] Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Email: palhares@ufmt.br.

allows to notice the emergence of an intellectual thought distinctived by a social sensibility that translates, in the midst of so many defamations about Mato Grosso, marked by exquisite writing, whichs presents the interests and desires of elites from Mato Grosso.

KEYWORDS: History of Education. Textbook. Mato Grosso. Estevão de Mendonça.

Resumen

Los intelectuales de Mato Grosso, entre el final del siglos XIX y el inicio del XX, se preguntaron si Mato Grosso podría civilizarse; si la explotación de los recursos naturales del territorio podria elevarse a la condición de un paraíso moderno en el interior de Brasil. Mientras que las obras de los viajeros extranjeros e intelectuales brasileños y líderes tenían el Estado como una tierra distante, de difícil acceso, la población escasa, violenta e incivilizada, intelectuales locales buscaban desarrollar una imagen positiva sobre la región y sus habitantes. En esta tarea se destacó Estevão de Mendonça, el pionero en la construcción de esa imagen positiva del territorio y su gente, que contradecía los producidos en la costa y podría ser propiado en las classes. Este artículo tiene como objetivo destacar la importancia de su libro de texto, el *Quadro Chorographico de Matto-Grosso* (1906), y sus contribuciones a la historia de la educación en el estado, debido a que es el primer compendio de corografía de la región. El libro de texto de Estevão de Mendonça nos permite mirar el surgimiento de un pensamiento intelectual marcado por una sensibilidad social que se traduce, entre tantas calumnias acerca de Mato Grosso, marcado por una bella escrita, intereses y deseos de las élites mato-grossenses.

PALABRAS CLAVE: Historia de la Educación. Libro de texto. Mato Grosso. Estevão de Mendonça.

INTRODUÇÃO

Estevão Anastácio Monteiro de Mendonça desempenhou relevante papel na história social e cultural de Mato Grosso. Nascido em 1869, em Santo Antônio da Barra, distrito do atual município de Barão de Melgaço, trabalhou ativamente durante toda sua vida, deixando importantes contribuições para a formação de seu Estado, até o ano de sua morte, em 1949, perto de completar 80 anos.

Mendonça foi um dos intelectuais engajados no esforço de construção do discurso de formação da identidade mato-grossense numa visão progressista, que predominava a partir da República no Brasil. Inserido neste contexto, como parte da elite intelectual local, propôs contribuir, por meio da escrita do *Quadro Chorographico de Matto-Grosso* (1906), com a construção e divulgação de uma nova representação sobre o Mato Grosso e os mato-grossenses, inserida nos conhecimentos escolares.

O *Quadro Chorographico de Matto-Grosso* (1906) foi utilizado como livro didático no Liceu Cuiabano, onde o autor lecionava, bem como, em toda a rede pública de ensino.[1] Destinado principalmente às escolas primárias (elementar e complementar) do Estado de Mato Grosso, a obra foi considerada por Zorzato (1998) como a primeira publicação destinada a moldar a memória histórica mato-grossense.

Neste sentido, apresentamos autor e obra, inseridos no cenário da primeira República, com destaque para as contribuições em torno das representações construídas sobre o Mato Grosso e o mato-grossense, considerando a inserção do autor e sua obra no espaço escolar.

[1] Sobre a circulação desse livro didático no estado, entre 1917 e 1920, Cf. SILVA (2013).

Para tanto, o texto está dividido em duas partes. Na primeira, é apresentado um panorama da vida de Estevão de Mendonça, com suas principais publicações e inserções na sociedade da época, com ênfase para o livro didático *Quadro Chorographico de Matto-Grosso.* Na segunda, uma análise do conteúdo de *Quadro Chorographico de Matto-Grosso*.

Estevão de Mendonça como intelectual: vida e obra

Estevão de Mendonça, como muitos intelectuais de sua época, foi um homem de múltiplas atividades: servidor público, topógrafo, advogado provisionado, jornalista e professor de História e Geografia no Liceu Cuiabano, instituição onde se tornou catedrático. Nesse estabelecimento de ensino, também, foi nomeado para o cargo de Inspetor Federal.

Como afirma Gomes (1999, p. 37-38), ao investigar os historiadores no jornal *A Manhã* e nos artigos da revista *Cultura Política*, a classificação como historiador não impedia que os autores acumulassem outras especialidades, sendo com frequência poetas, romancistas, juristas e, praticamente todos, jornalistas militantes. Não foi diferente com Estevão de Mendonça, que fundou diversos jornais na imprensa em Mato Grosso.

Entre os jornais que fundou, estão: *A Vespa* (1889); *O Clarim* (1892); *O Comércio* (1910) (JUCÁ, 2009). Em outros tantos, colaborou e/ou ajudou a dirigir: *A Tribuna* (1889); *O Republicano* (1895); *O Farol* (1902); *O Estado* (1906); *O Mato Grosso* (1930), entre outros. Teve importante colaboração em revistas de circulação local e em outros Estados, a exemplo da *Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso, Revista do Centro Mato-grossense de Letras, Revista Mato Grosso de Ciências, Letras, Artes e Variedades*, *Revista Luís Murat*, *Almanaque do Rio Grande do Sul* e *Almanaque Garnier*. Em conjunto com Antônio Fernandes de Souza, fundou e dirigiu a revista *O Archivo*, no ano de 1906, a pedido do então Presidente do Estado Antônio Paes de Barros, o Totó Paes (CORRÊA, 1994).

Na literatura, produziu *Vias de Comunicação* (1905) e *Uma Caturrice* (1908). Colaborou com significativa participação no clássico *Album Graphico do Estado de Matto Grosso* (1914); e, sua obra máxima, em dois volumes, *Datas Matogrossenses* (1919), na qual recuperou notícias históricas, de forma cronológica, extraídas dos cronistas e em documentos oficiais da administração regional, desde a época da capitania, passando pela da província até a do estado republicano.

Suas obras póstumas foram *Retratos da Vida* (1950); *E foi naquela noite de Natal* (1970); *Breve memória sobre a imprensa em Mato Grosso* (1975); e *Notas Históricas* (1976).

Na condição de um dos mais respeitados historiadores de sua época, integrou o quadro dos sócios fundadores do Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), em 1919, assim como, na mesma categoria, o do Centro Mato-Grossense de Letras, atual Academia Mato-Grossense de Letras (AML), no ano de 1921. Sendo que do IHGMT foi autor de seu primeiro Estatuto. Deste modo, pode-se considera-lo o idealizador, o criador, a vida e, também, a própria alma do Instituto, como afirma Silva (1994).

Como professor, fundou, em 1896, o Colégio Augusto Leverger, em Cuiabá, e, dois anos depois, foi aprovado em concurso para a cadeira de Geografia e História do Liceu Cuiabano. Com o desdobramento das disciplinas, em 1902, por equiparação ao Ginásio Nacional, optou pela docência em Geografia, exercendo-a até a sua aposentadoria (CORRÊA, 1999).

Em 1904, durante o governo de Antônio Paes de Barros, o Totó Paes, além de ser professor no Liceu Cuiabano, Estevão de Mendonça ocupou o cargo de auxiliar técnico da Repartição de Obras Públicas do Estado, em um período de intensa efervescência cultural em Cuiabá. Anos mais tarde, em 1906, por conta dos acontecimentos políticos e a morte de seu mecenas, Totó Paes, Mendonça se afasta das funções públicas,[2] inclusive do magistério. Somente em 1912 retomaria trabalhos no funcionalismo público, quando convidado à organizar a Biblioteca Pública Estadual, apesar de não ser correligionário do então presidente do Estado, Joaquim Augusto da Costa Marques (CORRÊA, 1999). Atualmente, a instituição adota o nome de Biblioteca Pública Estadual "Estevão de Mendonça", em homenagem ao seu primeiro diretor.

Como intelectual e professor, Estevão de Mendonça escreveu o *Quadro Chorográphico de Matto-Grosso*, editado em Cuiabá e publicado no ano de 1906,[3] sendo este o primeiro compêndio didático de História e Geografia de Mato Grosso. Este livro escolar de 117 páginas, sem ilustrações, permitiu que, a partir de sua publicação, não faltassem nos programas curriculares conteúdos sobre a História e a Geografia de Mato Grosso para o trabalho em sala de aula, garantindo que nos próximos currículos oficiais o assunto se fizesse presente.

A importância pioneira desta obra de Estevão de Mendonça pode ser observada antes mesmo de sua publicação. A respeito disso, o Conselho Superior da Instrução Pública, em 7 de outubro de 1905, emitiu o seguinte parecer:

> Além do mérito que revela pela correção e elegância de sua forma, [...] vem preencher uma das mais palpitantes necessidades do ensino público primário, fornecendo à mocidade os conhecimentos necessários da história e geografia do Estado, disciplinas estas que fazem parte das que constituem o programa de estudos tanto nas escolas elementares como nas complementares; é de parecer que a mesma obra seja não só considerada de reconhecida utilidade [...], como adotada nas escolas públicas do Estado, tão logo seja impressa e exposta à venda. (MATO GROSSO, Ata..., 1905, p. 17).

A proposta inicial de Estevão de Mendonça era que o *Quadro Chorographico de Matto-Grosso* fosse utilizado apenas no Liceu Cuiabano, porém, o livro foi mais além. Após a aprovação pelo Conselho Superior da Instrução Pública, sugeriu-se que também fosse adotado nas escolas públicas de todo Estado. Além destas, escolas particulares, como o Liceu Salesiano de Artes e Ofícios de Cuiabá, também adotaram o livro (CORRÊA, 1994).

O livro didático *Quadro Chorographico de Matto-Grosso,* de Estevão de Mendonça, está dividido em duas partes.

Na primeira, *Descrição física de Mato Grosso,* o autor apresenta os limites, superfície, aspectos físicos, clima, salubridade e produção natural. Segue com a descrição da orografia do estado, ou seja, suas serras e montanhas, relacionando-as de norte a sul, em todas

[2] Mato Grosso, entre os anos 1889 e 1906, foi convulsionado por violentos conflitos armados entre as facções das elites locais. As "revoluções", como ficaram conhecidos tais embates políticos, protagonizados pelas elites locais, acarretaram dezenas de mortes violentas, chacinas, linchamentos, culminando com o assassinato do presidente do Estado, o usineiro Coronel Antônio Paes de Barros (Totó Paes) (Cf. CORRÊA, 2006).

[3] A obra pode ser encontrada no acervo bibliográfico do Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso. Além da edição de 1906, *Quadro Chorographico de Matto-Grosso* teve sua segunda edição em 2005, quase um século depois, publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT). A segunda edição traz anexada as atas e o parecer conferido ao livro pelo Conselho Superior da Instrução Pública, à época de sua aprovação.

as suas características e localizações. Por fim, traça um perfil do regime de águas, citando as suas principais bacias hidrográficas e os principais rios que as formam.

Na segunda parte, *Descrição Política de Mato Grosso*, o autor apresenta um resumo dos principais acontecimentos históricos de Mato Grosso, desde a colônia até os primeiros anos do século XX, destacando uma lista de governantes coloniais, provinciais e estaduais. Apresenta ainda, estudos sobre a formação étnica dos mato-grossenses, sua população, os poderes do Estado, a instrução pública e aspectos abrangentes relativos à indústria e comércio, mineração, força pública, forças armadas e religião. Discorre sobre as populações indígenas, suas respectivas localizações e número populacional. E, por fim, dispõe sobre as vias de comunicação de Mato Grosso com outros pontos do país, basicamente fluviais, com as respectivas distâncias.

Em uma parte final, *Cidades e Vilas do Estado*, apresenta um breve resumo das principais cidades mato-grossenses, seus aspectos históricos de fundação e número de habitantes.

Quadro Chorographico de Matto-Grosso e a construção de uma nova representação

No livro o *Quadro Chorographico de Matto-Grosso*, Estevão de Mendonça explica que Mato Grosso, em 1906, já definira todas as suas fronteiras espaciais,[4] por meio de tratados com o Paraguai, a Bolívia, Amazonas, o Pará, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Porém, com Goiás, os limites ainda continuavam em litígio:

> O governo goiano reclama contra essa linha divisória e pretende que prevaleçam os limites que o primeiro governador da capitania de Goiás, D. Marcos de Noronha, propôs à metrópole em ofício de 12 de janeiro de 1750, [...] Não tendo, porém, esse ato de acessão aprovação da metrópole, que era o poder competente para ratificá-lo, é intuitivo que semelhante aquiescência é nula de pleno direito (MENDONÇA, 1906, p. 5-6).

Preocupado com possível definição de limite e do espaço geográfico mato-grossense, Estevão de Mendonça, tendo como referência a capital nacional (Rio de Janeiro), apresentava a seguinte *posição astronômica* (coordenadas geográficas) para o Estado: 7º 21’ e 24º 03’ 41” de latitude meridional (sul); e, 6º 42’ e 22º 13’ 15” de longitude ocidental (oeste).

Na tentativa de apresentar Mato Grosso aos estudantes, o autor delineou uma apresentação detalhada dos aspectos físicos do Estado, dividindo-o em três zonas distintas: Pantanal, Cerrado e Amazônia. E, sobre o clima, diz ser dividido em duas estações bem definidas: a da seca (de junho a setembro) e a das águas (de setembro a junho, com maior intensidade entre janeiro e fevereiro).

É notável o esforço de Estevão de Mendonça para apresentar Mato Grosso como sendo um estado saudável, com um bom regime de chuvas e, também, um bom clima. Segundo ele, em algumas cidades como Nioaque, Aquidauana, Campo Grande, Vacaria e Chapada dos Guimarães, “o clima é brando e assemelha-se ao do sul da Itália” (MENDONÇA, 1906, p. 11). Mesmo assim, mantinha-se a reputação de lugar insalubre, que podia ser atribuída à semelhança de nome com a cidade de Mato Grosso (atual Vila Bela da Santíssima Trindade). A cidade foi muitas vezes descrita por governadores e viajantes como

[4] Na época, o território do Estado de Mato Grosso compreendia os atuais estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e parte de Rondônia.

um lugar "onde reinavam febres intermitentes e remitentes originárias das evaporações paludosas nas margens dos rios" (MENDONÇA, 1906, p. 12).

O autor afirma que "o nome daquela cidade, efetivamente doentia, sendo semelhante ao do Estado, tem produzido, mesmo no nosso país, uma confusão altamente prejudicial ao povoamento do solo mato-grossense" (MENDONÇA, 1906, p. 13).

Para ele, as epidemias que assolaram Mato Grosso (a varíola, em 1814 e 1867; e, a cólera, em 1867 e 1887) e que ceifaram milhares de vidas (a varíola de 1867 fez 6.500 vítimas) foi, em parte, de responsabilidade da população "que era até então infensa aos benefícios da vacina, que sistematicamente repelia". Porém, os mato-grossenses civilizaram-se e as inúmeras mortes fizeram com que compreendessem a eficiência da medicina moderna e, "embora tardiamente, a lição operou inteira transformação, e às virtudes da linfa preservativa devemos sem dúvida o caráter benigno com que a varíola se nos apresentou em 1901" (MENDONÇA, 1906, p. 12-13).

Mendonça esforçou-se por apresentar ao público um Mato Grosso saudável, civilizado, bem diferente do que haviam relatado os viajantes estrangeiros, intelectuais e dirigentes brasileiros ao longo do século XIX. As mudanças já estavam em percurso e, com relação às epidemias, mostrou em seu livro que a mortandade abandonara Mato Grosso, sendo elevada a expectativa de vida de seus habitantes. Segundo ele, "o sarampo e a escarlatina de há muito que desapareceram do nosso quadro nosológico, e não são raros aqui os casos de longevidade" (MENDONÇA, 1906, p. 13).

Ainda na descrição física, chama atenção para as riquezas das produções naturais do território mato-grossense. Descreve os minerais, as plantas, as espécies alimentares, as aves e os peixes:

> Pode-se afoitamente afirmar que este Estado é um dos mais avantajados da União em produções naturais, senão mesmo o mais avantajado. O subsolo mato-grossense encerra em seu seio ricas minas de ouro, límpidos diamantes, prata, paládio, platina, cobre, ferro, chumbo, feldspatos, cristais de rocha, mármore, pedra de cal, talco, mica, inúmeras espécies de argila, desde o gesso ao barro negro (MENDONÇA, 1906, p. 13).

Com relação à orografia (serras e montanhas), destaca que no Estado não existiam grandes elevações da superfície, verdadeiras montanhas. Apresenta as serras de Mato Grosso como um prolongamento do Planalto Brasileiro, com altitude variando entre 600 e 800 metros, como divisores de nascentes de rios ou, então, como limites de fronteiras com os vizinhos Paraguai, Bolívia, Amazonas, Pará, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Segundo Mendonça, em Mato Grosso, tal prolongamento poderia ser dividido em dois grupos, sendo as principais: as Serras dos Parecis, ao norte, e a Serra das Divisões, ao sul. "As escarpas, arestas, cabeços e contrafortes de ambos os grupos recebem geralmente, embora com pouca propriedade, a denominação de serras, variando de nomenclatura apenas com a mudança de localidade" (MENDONÇA, 1906, p. 15).

A importância da discussão sobre o papel desempenhado pelos rios e "serras" na geografia de Mato Grosso dava-se pela indefinição da extensão territorial do estado. Somente após os trabalhos da Comissão das Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas (também chamada de Comissão Rondon, pois foi chefiada por Cândido Mariano da Silva Rondon), é que a questão dos limites mato-grossenses com seus vizinhos seria definitivamente solucionada. Bom destacar também que, em uma época que se discutia possíveis modais de transportes mais modernos e eficientes, como é o caso do trem de ferro

ou das estradas de rodagem, para ligar o estado de Mato Grosso aos grandes centros brasileiros, o conhecimento detalhado dos acidentes geográficos locais facilitaria o trabalho dos topógrafos e engenheiros que algum dia chegariam às paragens cuiabanas.

O autor elenca os rios, respectivos significados e a descrição de seus percursos. Apresenta seus afluentes, ilhas, cachoeiras, profundidade, largura, extensão e as localidades mato-grossenses banhadas pelas águas. Na Bacia do Amazonas, têm destaque os rios Madeira, Tapajós, Xingu e Araguaia. Na Bacia do Prata, os rios Paraná e Paraguai. Sendo que, para ele, muitos destes eram facilmente navegáveis por embarcações de grande calado.

Seu trabalho tem um forte caráter de propaganda das coisas de Mato Grosso. Ao descrever positivamente a geografia da região, com riquezas de detalhes que, além de facilitar a vinda de migrantes e investidores para a região oeste brasileira, também faria uma contraposição àquelas representações produzidas pelos intelectuais do litoral, que colocavam Mato Grosso nos confins do mundo, lugar distante e de difícil acesso. Somava-se, ainda, a reputação de lugar insalubre e habitado por pessoas violentas, que tanto Mendonça tentou apagar.

Eram comuns referências ao Estado como sendo "atrasado, incivilizado e selvagem", dotado de uma gente "sanguinária, vingativa, preguiçosa e ignorante" (GALETTI, 2012, p. 58). No conjunto, estes adjetivos compunham um estereótipo desfavorável a Mato Grosso:

> [...] era preciso reagir às imagens negativas que externamente eram divulgadas sobre Mato Grosso. Com efeito, estas imagens eram veiculadas por viajantes, militares e comerciantes vindos principalmente dos mais importantes centros econômicos do país e também do exterior (ZORZATO, 2000, p. 421).

Na segunda parte do livro – *Descrição Política de Mato Grosso* –, Estevão de Mendonça arrola os principais acontecimentos históricos do Estado, dando especial destaque às personalidades que julgava dignas de culto por parte da população mato-grossense.

Na busca por uma genealogia mato-grossense, apresentou os bandeirantes paulistas como os "primeiros" habitantes de Mato Grosso:

> [...] esses bandos heroicos não mediam as distâncias nem calculavam as privações; atiravam-se ao acaso, desassombradamente, corajosamente, através a espessura das matas, transpondo rios, vencendo cachoeiras, escalando montanhas, resolutos, dispostos a enfrentarem toda a classe de contratempos. [...] Levavam parcos alforjes de provisões, e quando estas se esgotavam recorriam a vários expedientes para obterem da caça e da pesca o necessário alimento; mas prosseguiam sempre, sem a preocupação do dia de amanhã, [...] e os bandeirantes irradiaram-se pelo coração do país devendo se-lhes o descobrimento e o povoamento d'este Estado e dos de Goiás e Minas Gerais (MENDONÇA, 1906, p. 28-29).

Nesse contexto, destaca os nomes de alguns bandeirantes que, para ele, fizeram parte da história de Mato Grosso: Manuel Corrêa, Bartolomeu Bueno da Silva (pai), Antônio Pires de Campos e Pascoal Moreira Cabral, sendo este último responsável pela descoberta de ouro em terras mato-grossenses, em 1719.

Aponta que o processo de ocupação da região foi marcado por diversas lutas entre os bandeirantes invasores e os indígenas, antigos moradores do local. Porém, da luta travada, "sem dúvida desigual, mas renhida, a história local nada menciona, chegando mesmo os raros

documentos contemporâneos a silenciarem inteiramente a respeito, silêncio que também se produz nas crônicas do tempo" (MENDONÇA, 1906, p. 33-34). Como resultado, uma parte dos íncolas migrou para o interior do Brasil, outra, obedecendo à lei dos mais fortes, submeteu-se à escravidão. Entretanto, entre os escravizados, houve casos de revolta contra o jugo bandeirante, expresso em deserções isoladas.

Quando apresenta os indígenas, descreve-os como selvagens, preguiçosos e avessos ao trabalho ordeiro. Certamente, para o autor, não era desse tipo de pessoas que descendiam os mato-grossenses. Mas, Estevão de Mendonça inova ao apresentar um mapeamento das comunidades indígenas de Mato Grosso[5]. No entanto, este esforço etnográfico tem um duplo sentido, pois, ao mesmo tempo em que se fez mais conhecidos os povos indígenas, habitantes das terras do oeste brasileiro, apresenta-os como braços que poderiam facilmente ser convertidos em força de trabalho à disposição dos futuros empreendimentos capitalistas que chegariam em Mato Grosso.

Ainda com base na genealogia mato-grossense, Estevão de Mendonça apresenta um rol de heróis que mereceriam cultos pela população mato-grossense. Este grupo pode ser dividido em dois, os do período colonial e os do período imperial.

O primeiro deles foi Antônio Rolim de Moura Tavares, conde de Azambuja, primeiro capitão-general de Mato Grosso (1751 e 1763) que, segundo o autor, "reclama um culto em todos os corações, e esse culto será justo, como justas foram as recompensas que em vida recebeu do severo Pombal ao deixar as rédeas do governo de Mato Grosso" (MENDONÇA, 1906, p. 45).

> Militar disciplinado, qualidade a que reunia um temperamento de rara energia, de caráter leal e generoso, se bem que arrebatado, um misto de bondade e violência, Rolim de Moura tornava-se por isso mesmo e pela sua inteligência um homem precioso para a colônia, naturalmente indicado para fazer frente à luta que o governo português ia abrir na parte mais ocidental do sertão mato-grossense (MENDONÇA, 1906, p. 42).

Em 19 de março de 1752, Rolim de Moura fundou a antiga capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade, e de lá governou a capitania por mais de 14 anos. Para Mendonça, se Rolim de Moura usou de violência para administrar a capitania, esta foi justa, pois precisava garantir a fronteira oeste e "tais desvios exigem absolvição plena, dadas as condições de meio em que teve de exercer a sua ação de governante" (MENDONÇA, 1906, p. 45).

O segundo herói mato-grossense, na visão de Estevão de Mendonça, foi Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, quarto capitão-general de Mato Grosso (1772-1788). Para o autor, era uma pessoa de:

> [...] altas qualidades morais e intelectuais [...] atilado, cheio de fidelidade inexcedível no tocante aos deveres de administrador, [...] hábil político, cheio de bom senso e possuidor do raro critério de medir a importância ou a insignificância dos acontecimentos que se desdobravam no tempo de seu governo; [...] trabalhador infatigável, auxiliado por uma organização física que lhe permitia esforços constantes, [...] com perseverança pouco comum, consoante ao seu temperamento contrário à inação [...] (MENDONÇA, 1906, p. 46).

[5] O próprio Estevão Mendonça reproduziu esse mapeamento em obras diversas, tais como: na revista o *Archivo* e no *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*.

Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres "semeou pelo sertão mato-grossense de povoações e presídios, colônias e destacamentos, assim como favoreceu a navegação interna, desenvolveu o ensino, abriu estradas" (MENDONÇA, 1906, p. 46). Entre suas principais obras estão: a construção do Forte de Coimbra e o Real Forte Príncipe da Beira; a fundação de Albuquerque (atual Corumbá), Viseu (atual Ladário), Vila Maria (atual Cáceres); a construção do Presídio de Casalvasco, em Vila Bela da Santíssima Trindade, e a instalação de postos militares em Dourados, Jauru, Salinas e Corixa Grande, as duas últimas em região pantaneira.

Na sequência, apresenta João Carlos Augusto de Oyenhausen-Gravenburg, oitavo capitão-general de Mato Grosso (1807-1819). Segundo Mendonça, o Marquês de Aracati

> [...] promoveu e auxiliou a navegação pelo Tapajós, organizou uma companhia de mineração, fundou os hospitais de S. João do Lázaros e a Santa Casa de Misericórdia, criou um corpo de artilheiros marinheiros e fez construir barcas canhoneiras, instalou um curso de cirurgia, e cuidou com devotamento da instrução pública (MENDONÇA, 1906, p. 51).

Por tudo isso, João Carlos Augusto de Oyenhausen-Gravenburg, "em uma palavra, fez-se benquisto do povo mato-grossense e patenteou notáveis qualidades de homem de governo" (MENDONÇA, 1906, p. 51).

Encerra a lista dos capitães-generais com Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, barão de Vila Bela, que governou entre os anos 1819 e 1821. Este, no entanto, foi apresentado unicamente como marco final do período colonial, pois o seu "desregramento e prepotência aniquilaram em pouco tempo as simpatias que havia captado ao iniciar a sua administração" (MENDONÇA, 1906, p. 52).

Em 1822, um novo regime político foi instalado no país, a Monarquia. O Brasil tornara-se um país independente e, consequentemente, em Mato Grosso começaria uma nova fase de sua história política.

Para o período imperial, Estevão de Mendonça elenca três momentos que considera importante para sua formação histórica, a saber: a transferência da capital para Cuiabá, em 1825; a Rusga, em 1834; a guerra contra o Paraguai, entre 1864 e 1870.

Com relação à primeira, considera que, após a deposição do governador Francisco de Paula Magessi, em 1821, Cuiabá esforçou-se por conquistar definitivamente o título de capital e, para isso, criou uma junta governativa. Atitude semelhante ocorreu na cidade Vila Bela da Santíssima Trindade, no propósito de manter seu estatuto de capital.

A transferência da capital para Cuiabá foi motivo de fervorosa disputa, quase chegando a embates armados, não fosse a atuação do Padre Manuel Cunha. Para o autor, "esse sacerdote, respeitável pelas suas virtudes, pelo seu caráter, pela sua inteligência e também por ser parte da questão, alcançou amortecer a irritação que campeava" (MENDONÇA, 1906, p. 53). A conclusão do litígio, em 1825,[6] garantiu ser Cuiabá a sede do governo, originando daí o declínio da cidade de Vila Bela.

[6] Estevão de Mendonça (1906, p. 54) considera que o fim da disputa só foi possível com a posse, em 10 de setembro de 1825, de José Saturnino da Costa Pereira no cargo de primeiro presidente da Província de Mato Grosso. Este, cumprindo decisão do governo imperial, de 09 de fevereiro de 1824, estabelece a residência oficial na cidade de Cuiabá. Anos depois, a decisão imperial foi ratificada por ato da Assembleia Legislativa Provincial,

Acalmados os ânimos da disputa política entre as duas cidades, outro conflito alcançou a província: a Rusga, em 1834. Com a implantação da monarquia brasileira, em 1822, em algumas províncias do país foram constantes os embates entre os nativos nacionais e os "adotivos", como eram chamados os portugueses que viviam no Brasil.

Em 30 de maio de 1834, o movimento chegou ao seu ápice, mas os "intuitos políticos foram enegrecidos pelos assassinatos e roubos, praticados pelo populacho desenfreado de parceira com a tropa amotinada" (MENDONÇA, 1906, p. 55).

Outro evento importante nas linhas do *Quadro Corográfico* foi a Guerra do Paraguai. O tema recebeu grande atenção na obra e tornou-se um dos tópicos centrais da atuação dos defensores das fronteiras nacionais. Nesta guerra, pôde o autor demonstrar a colaboração de Mato Grosso na construção da territorialidade brasileira e o espírito cívico de seus personagens na manutenção da integridade do espaço físico do país.

Como na história bíblica de Davi e Golias, o autor apresentou o Paraguai como um inimigo forte e cruel. No intuito de exaltar a participação mato-grossense na guerra, não apresentou uma ligação clara entre esta província e o todo brasileiro no processo. Por isso, a luta entre o grande Paraguai e o pequeno e fraco Mato Grosso tomou forma de epopeia, na qual a província mal equipada consegue vitórias fabulosas sobre o inimigo poderoso.

Sobre o potencial bélico da nação paraguaia e sua desproporção frente ao da província de Mato Grosso, diz o autor:

> O que foi esse encontro com o inimigo, forte e audaz, dispondo de grandes elementos bélicos representados num efetivo de três mil homens amparados por oito vapores, duas escunas e três navios de reboque, diz claramente a desproporção com que jogaram de um lado a ofensiva, e a defensiva do outro (MENDONÇA, 1906, p. 56).

Se, por um lado, Mato Grosso não tinha armas e soldados suficientes para encarar a guerra em igualdade com o Paraguai, por outro, os mato-grossenses eram pessoas de grande coragem. Foi o caso do tenente Antônio João Ribeiro, comandante da Colônia Militar de Dourados, que, em 29 de dezembro 1864, diante da aparatosa força inimiga e da iminente aniquilação total de seus poucos companheiros de armas, momentos antes de sucumbir, legou à posteridade as memoráveis palavras: "Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de protesto contra a invasão do solo de minha pátria" (MENDONÇA, 1906, p. 58).

No final, o Brasil venceu a guerra e, anos depois, a República seria proclamada no país:

> Sobre as ruínas do passado, porém, reergueram-se novos ideais, novos esforços surgiram, e a província pode readquirir a prosperidade perdida. Calma, tranquila, fruindo a doce emanação nascida da identidade de aspirações, veio a República encontrá-la na manhã de 9 de dezembro de 1889 (MENDONÇA, 1906, p. 59-60).

Importante destacar que Mato Grosso, entre os anos 1889 e 1906, foi agitado por violentos conflitos armados entre as facções políticas do estado. As "revoluções", como

---

que, sob a presidência de Antônio Pedro de Alencastro, instituiu a Lei Provincial nº 19, de 28 de agosto de 1835, declarando Cuiabá como capital da Província de Mato Grosso.

ficaram conhecidos estes conflitos armados, foram protagonizadas pelas elites locais e tiveram como resultado dezenas de mortes violentas, chacinas, linchamentos e o assassinato do usineiro Antônio Paes de Barros (Totó Paes), então presidente do Estado, em 1906. Este era amigo de Estevão de Mendonça e patrocinador de seus trabalhos como, por exemplo, a revista o *Archivo* e o próprio *Quadro Chorographico de Matto-Grosso*. Quando da publicação deste livro, Totó Paes ainda estava vivo, entretanto, Mendonça preferiu ignorar todos os conflitos armados que ocorreram nos primeiros anos da República, uma vez que a construção deles, em âmbito nacional, fora bastante parcial, colocando Antônio Paes de Barros como o grande vilão dessa história.

Continuando a apresentação da genealogia mato-grossense e dos heróis que mereceriam cultos pela população mato-grossense, um dos elogios mais inflamados foi para Augusto de Leverger, o Barão de Melgaço, herói da guerra contra o Paraguai. Décimo segundo presidente da província de Mato Grosso, governador entre 1851 e 1867, a quem dedicou em epígrafe: "À venerada memória de Barão de Melgaço". Ainda, expõe que a partir dos estudos de Augusto de Leverger que sua obra se concretiza: "Seguimos aqui, como em muitos outros lugares deste trabalho, as informações do sábio Barão de Melgaço, a maior e a mais autorizada fonte em assuntos que se prendem à história e à geografia deste Estado" (MENDONÇA, 1906, p. 23).

Destaca-se, por fim, os dados numéricos sobre a formação étnica dos mato-grossenses, apresentada por Estevão de Mendonça. Segundo ele, a população mato-grossense, naquele período, era de, aproximadamente, 157 mil habitantes, estando dividida, estatisticamente, nos seguintes "tipos raciais": 28,53% de brancos; 39,36% de mestiços; 17,99% de pretos; 14,10% de caboclos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inserido no contexto da primeira República, Estevão de Mendonça objetivava, com a escrita do livro didático *Quadro Chorographico de Matto-Grosso,* uma propaganda positiva das coisas de Mato Grosso a ser veiculada no interior das escolas e destinada à juventude. Por isso, naquele momento, apresentar as lutas políticas ocorridas nos primeiros anos da República em Mato Grosso era correr o risco de reforçar as representações negativas, tão comuns no imaginário das elites do litoral: "Mato Grosso, terra de gente selvagem e violenta".

O livro didático elaborado por Estevão de Mendonça tinha um caráter propagandístico, enfatizando aspectos positivos de Mato Grosso, em contraposição às representações negativas, que impediam a transferência de braços e capitais para a região, tão necessários ao seu desenvolvimento mercantil e industrial.

Sua proposta era produzir um conjunto de representações positivas sobre Mato Grosso, pois há tempos essa parte do território brasileiro era estigmatizada por uma literatura exógena e reproduzida na maioria dos livros didáticos circulantes em todo Brasil. Tal imagem foi repudiada pela elite intelectual mato-grossense, que buscou, através da imprensa, da produção de artigos, livros, mas, especialmente, através dos livros didáticos, criar uma nova representação de Mato Grosso. Segundo Chartier (1990, p. 17), tais representações entraram "em um campo de concorrência e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação". Em outras palavras, o cenário era de representações em luta.

Estevão de Mendonça também se esforçou para criar, em *Quadro Chorographico de Matto-Grosso*, laços históricos entre os grupos dominantes de Cuiabá e os defensores fronteiriços do passado. Esta seleção de heróis do passado mato-grossense foi arbitrária. Quando Estevão de Mendonça excluiu índios e negro do processo genealógico de Mato

Grosso, ele adotou uma postura que buscava afastá-los do poder. Deste modo, o autor participa da construção de um imaginário social ligado aos brancos europeus conquistadores e se "esquece" dos outros grupos sociais que estiveram presentes na formação da sociedade mato-grossense. Para Chartier (2002), a construção de representações tem por objetivo último a produção de uma identidade social. Mas qual identidade quis produzir Estevão de Mendonça?

O homem branco, culto, descendente dos bandeirantes e habitantes de Cuiabá, era o modelo idealizado por Estevão de Mendonça.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decisão n.º 45, de 09 de fevereiro de 1824. *Determina que a residência do Presidente da Província de Mato Grosso e a reunião do Conselho da Província tenham lugar na cidade de Cuiabá*. Coleção das decisões do governo do Império do Brasil de 1824. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886.

CHARTIER, R. *À beira da falésia*: a história entre incerteza e inquietudes. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.

_____. *A História Cultural*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CORRÊA, V. B. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso (1889-1943)*. Campo Grande: EdUFMS, 2006.

_____. Estevão de Mendonça. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, a. 71, t. 147, p. 267-268, 1999.

_____. Os Herdeiros de Leverger. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, n. 66, t. 141-142, p. 271-278, 1994.

GALETTI, L. S. G. *Sertão, fronteira, Brasil*: Imagens de Mato Grosso no mapa da Civilização. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

GOMES, A. C. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

JUCÁ, P. R. *Imprensa Oficial de Mato Grosso*: 170 anos de história. Cuiabá: Aroe, 2009.

MATO GROSSO. *Ata da Sessão Extraordinária do Conselho Superior da Instrução Pública*. Cuiabá, 06 de outubro de 1905. Disponível em: APMT, Livro 94, Pg. 12 V a 17 V.

_____. Lei Provincial n.º 19, de 28 de agosto de 1835. *Declara Cuiabá como Capital da Província de Mato Grosso*. Disponível em: < http://www.al.mt.gov.br/storage/webdisco/leis/lei_9475.pdf > Acesso em: 05 mai. 2016.

_____. *Regulamento do Liceu Cuiabano*. Cuiabá, 02 de Janeiro de 1903. Disponível em: APMT, Livro 1903, fl. 01 a 24.

MENDONÇA, E. *Quadro Chorographico de Matto-Grosso*. Cuiabá: Escolas Profissionaes Salesianas, 1906.

SILVA, A. B. *Mato Grosso nos Livros Didáticos de História (1889-1930)*: imaginários e representações. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

SILVA, P. P. C. Fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, a. 66, t. 141-142, p. 241-264, 1994.

ZORZATO, O. Alicerces da identidade mato-grossense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, a. 161, n. 408, p. 419-435, 2000.

_____. *Conciliação e identidade*: considerações sobre a Historiografia de Mato Grosso (1904-1983). Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Recebido em: 10/07/2015

Aprovado em: 08/08/2015